

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Taisa Nogueira Silva

Escola Técnica Estadual Mandaqui

São Paulo/SP

2025

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora/Instituição: Kelen Gracielle Magri Ferreira da Etec Mandaqui

Levantamento de dados preliminares a entrevista: Kelen Gracielle Magri Ferreira

Elaboração do roteiro da pesquisa: Kelen Gracielle Magri Ferreira

Local da entrevista: São Paulo (online)

Data: 07 de setembro de 2025

Técnico de gravação: Não se aplica

Duração: 58 minutos

Número de vídeos: 1 (um)

Transcritora: Kelen Gracielle Magri Ferreira

Número de páginas: 23

Sinopse da entrevista

Entrevista realizada para o programa de “História Oral na Educação” do Centro Paula Souza, com a entrevistada Taisa Nogueira Silva, por esta atuar como professora desde a inauguração da Etec Mandaqui/Centro Paula Souza.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 26 de outubro de 2025

Nome da transcritora: Kelen Gracielle Magri Ferreira

Recebido em 16 de dezembro de 2025

Kelen Graciele Magri Ferreira (KGMF): Bom dia! Eu, Kelen Graciele Magri Ferreira, agradeço a senhora Thaísa Nogueira Silva por ceder essa entrevista hoje, dia 7 de setembro de 2025, de maneira online, para o programa “História oral na educação” do Centro Paula Souza.

Taisa Nogueira Silva (TNS): Bom dia!

KGMF: Então, professora Taisa, obrigada por ceder essa entrevista. Primeiramente, eu gostaria de iniciar é com a seguinte questão: como que a senhora começou sua história na Etec Mandaqui e no curso de Edificações?

TNS: Obrigada você. Bom dia, Kelen. Obrigada pelo convite. Fico muito lisonjeada com essa entrevista. Eu comecei na Etec Mandaqui em 2010. É exatamente na fundação do curso e na fundação da escola, da Etec Mandaqui, então a escola, ela não começou como uma descentralizada, mas a Etec Mandaqui, ela nasceu da Etec Getúlio Vargas. Então eu entro no Centro Paula Souza em 2006, nos cursos de Design de Interiores e Edificações, na Etec Getúlio Vargas. A partir de 2008 começa-se dentro do da própria, da própria unidade, da Etec Getúlio Vargas a se cogitar a ideia de uma descentralizada bem distante.

KGMF: É porque é Getúlio Vargas, é Ipiranga, né?

TNS: Ipiranga é bem distante. E aí a gente acaba descobrindo aos poucos, né? Pelo processo mesmo, da construção e pelo processo de início da Etec, que na verdade ela não será uma descentralizada e sim, ela vai ser uma unidade autônoma. Mas a unidade que gere, né? Que que organiza a parte docente de curso de professores, fica a critério da Etec Getúlio Vargas. Nessa ocasião, o diretor da Etec Getúlio Vargas é o professor Pedro Celestino. E ele decide por se afastar da Etec Getúlio Vargas e assumir a direção dessa nova escola, que está surgindo, que é a Etec Mandaqui. E aí tem um grupo de professores que estão na Getúlio Vargas da zona norte, né?

KGMF: Ah, legal. Ah, já tinha um grupinho de professores, então aqui.

TNS: Já tinha um grupo de é, inclusive, a gente tinha um grupo de caronas, né? Então a gente a gente saía da Etec Getúlio Vargas às 11:00 da noite e vinha para Zona Norte. Então a gente revezava caronas. A gente já conhecia os professores da zona norte, que trabalhavam na

Getúlio Vargas. A Getúlio Vargas é uma escola muito tradicional, consolidada, né? E a partir daí surge um grupo, né? Eu, professor André, de Química, que até hoje é professor de química, professor Pedro Celestino, que hoje é aposentado, que é o diretor, que também morava na zona norte. O professor Ricardo Celestino, que é o filho dele, que também foi diretor de serviços na Etec de Heliópolis e hoje é professor nosso, ainda de Português. Então nós somos professores, assim vamos dizer veteranos fundadores aqui.

KGMF: Que legal. Partiu da Etec da Etec Getúlio Vargas. Então, desse grupo que legal.

TNS: E aí em 2010, aí sim a escola começa a funcionar. Nós começamos assim, no terreno mesmo, a gente ainda não tinha – assim, nós tínhamos sim, a construção da Etec, mas a pavimentação externa, tudo muito inicial, a escola com cheiro de tinta nova. Uma delícia, né? Começar?

KGMF: Olha, sim, não com certeza, e uma superestrutura lá também, né?

TNS: É começar uma escola nova, né? Com o pé direito! E a escola se inicia basicamente com 2 cursos, com 3 cursos, né? Primeiro curso é o curso de Enfermagem, que era o curso, vamos dizer assim, o carro chefe ainda é, o carro chefe da Etec Mandaqui, até porque nós estamos dentro do terreno do Hospital do Mandaqui. É uma escola que não tem nem desmembramento de terreno. A gente está dentro, do terreno público, da área do Hospital do Mandaqui. Ela nasce com uma vocação para que seja uma incubadora de treinamento também para os profissionais da saúde. Então havia essa conversa inicial de que as salas da Etec Mandaqui elas seriam utilizadas pelos profissionais da saúde para especializações, para treinamentos, pra capacitações. Infelizmente dessa vocação a gente vê muito pouco, né? Mas já tivemos sim: Ah, hoje as salas estão ocupadas porque o pessoal da saúde está usando, né? Então a meu ver, não tanto quanto é se imaginava, no processo inicial. E além dos cursos de Enfermagem nós temos o curso de Edificações e o curso de é Nutrição sempre começou esses três cursos.

KGMF: Isso desde o comecinho então dela, né? Já veio com esses 3 cursos? E Taisa, esse vínculo para a área da saúde, mas também do Hospital Mandaqui é isso, né? Do Hospital do Mandaqui, que é ali muito próximo, né? Legal.

TNS: Exato. Isso, exato. É uma escola que ela nasce com essa vocação, né? Ela está dentro de um de um terreno público. O terreno da do hospital e ela nasce com essa vocação de ser

um espaço de capacitação para a área da saúde. Ela tem essa vocação e junto com ela surgem os outros 2 cursos que são pensados desde o início. Então, desde a proposta inicial, que é o curso de Edificações, tanto que a gente tem o nosso laboratório, o nosso canteiro de obras e a parte de Nutrição também voltada para saúde. Se a gente for pensar também é um curso de saúde, né? O curso se inicia de uma maneira assim, bem como que eu posso dizer - bem, engatinhando. Assim, já com profissionais consolidados. Eu, o professor Thiago (Thiago Esteves da Silva), a professora Cida, professores que já estavam no Centro Paula Souza há alguns anos, né? Então a gente já, assim, com profissionais bem capacitados e a escola assim ainda aprendendo a lidar com o seu próprio espaço, com dificuldades com relação a equipamentos, com relação a materiais. Então, aos poucos a gente foi adaptando a chegada das pranchetas, a chegada dos materiais, ter o espaço físico é muito bom, né? Mas lógico que a gente sabe que não é só do espaço físico, a gente também precisa dos computadores, precisa dos equipamentos, né? Então tudo foi chegando aos poucos. Em 2011 eu assumo a coordenação do curso de Edificações. Eu passo um ano como coordenadora do curso. Foi bem breve a minha a minha participação, mas eu julgo que foi uma participação muito relevante, porque foi assim o momento chave crucial para a gente montar um grupo de professores. Em 2011, entra o professor André Mendes, que até hoje está no nosso curso. O professor Eduardo Carreiro, os professores que hoje estão na casa e que estão há muitos anos. Posteriormente entra o professor Fernando Fernandes. Então é um momento ali, vamos dizer, um momento crucial que a gente está formando a nossa equipe. Houve muitas dificuldades, né?

KGMF: É isso que eu ia te perguntar, quais foram esses desafios no começo ali. Você falou um pouco dos equipamentos, da montagem mesmo da escola como um todo, né? Mas principalmente você, como na cadeira de coordenadora, quais foram os maiores desafios? Além desses, que você já citou nesse comecinho de curso?

TNS: A gente tinha espaços muito grandes e muito vazios assim. Então é a questão do refeitório, a questão da biblioteca, o nosso próprio laboratório de materiais. Então muitos espaços e a gente via assim muito espaço ocioso, muito espaço vazio, muito espaço a ser ocupado. Tanto pelos alunos, quanto por nós, professores, que a gente ainda não dominava muito também as possibilidades. E a falta de recurso, de verba, que a gente sabe que infelizmente é a nossa realidade em todas as unidades. Mas, o desafio maior surge quando a gente abre o curso em 2011. Também eu como coordenadora: o curso à tarde, então a gente tinha modular tarde e noite, e aí a gente tem uma série de dificuldades, porque existe uma alta demanda. Isso é uma coisa diferente do que a gente tem hoje. A gente tem uma alta

demanda de procura do curso técnico, tanto no período da tarde quanto no período da noite. À tarde, a gente tinha 5, 8 por vaga. À noite a gente tinha 15 por vaga, 20 por vaga.

KGMF: Nossa, para o curso de Edificações?

TNS: Para o curso de Edificações! Era um curso extremamente procurado, era um curso concorrido. A gente, inclusive. Dada a nossa demanda, Kelen, a gente tinha até uma estratégia de entrada que depois que ele entrasse no Vestibulinho, a gente fazia uma semana de apresentação do curso para verdadeiramente saber se aquele aluno quer continuar, sabe?

KGMF: Sim, sim, por quê? Porque senão eu daria oportunidade para o outro, né?

TNS: Exato, então a gente tinha uma estratégia totalmente diferente do que a gente tem hoje, que hoje é uma estratégia mais de acolhimento, pertencimento, porque a gente precisa desse aluno com a gente. A gente tinha uma estratégia de tática totalmente inversa. Era uma estratégia assim: “Meu amigo, se esse curso não é para você, é o momento de você deixar a sua vaga.”

KGMF: Decidi sair. É caramba. Que diferença, não?

TNS: E isso era uma estratégia também, Kelen, não era uma estratégia de evasão, não é isso, mas era uma estratégia de explicar para o aluno, o que verdadeiramente ele vai estudar lá? Então a gente começava assim: “Olha isso, daqui não é um curso de Senac, a gente não vai te ensinar aqui a pintar parede. Aqui a gente vai ensinar a parte projetual. Aqui a gente vai ensinar cálculo. Olha, se você é ruim de matemática, aqui não é um lugar para você. (risos)

KGMF: Já abriu o jogo de cara, né? Sobre o que era o curso mesmo, né?

TNS: É, era uma tática quase de guerrilha, assim que a gente se colocava na primeira semana, então a primeira semana era crucial. E rapidamente a gente já sabia quais eram os alunos, que meio que estavam perdidos, que eram muito bons, que tinham passado no vestibular, mas que eles iam às vezes... não estavam dispostos a estar lá. Então é no nosso início foi esse... foram essas primeiras turmas. Ninguém muito sabia que o curso existia, que a escola existia, porque a gente até hoje tem um problema de visibilidade da Etec Mandaqui, porque ela fica escondida atrás do hospital.

KGMF: Sim. Do hospital ali praticamente, né? Como que esses alunos encontraram o curso? Você tem ideia de como que esses alunos, né? Hoje a gente tem problema de visibilidade, mas naquele momento que ela estava nascendo, como que eles encontraram o curso?

TNS: Então, a divulgação e a publicidade do Centro Paula Souza eram muito melhor, era muito melhor, então, independente do curso era muito melhor. Então você tinha a divulgação do curso no ônibus, no metrô, você via na TV, você ouvia no rádio. Então, assim, a divulgação do Centro Paula Souza como um todo ela era muito boa, né? Hoje é o inverso, né? Que a gente tem que fazer propaganda nas nossas redes sociais.

KGMF: Os professores.

TNS: Então essas coisas inverteram muito. É no começo, no comecinho mesmo, na primeira e segunda turma só. A gente realmente teve assim, uma dificuldade de angariar, vamos dizer assim, esses alunos, né? Lembrando também que em 2011, além dos 2 cursos técnicos, que era o curso técnico da tarde e o curso técnico da noite, a gente tinha o Ensino Médio regular pela manhã. Então a escola também, iniciou, ela começou ensino médio regular pela manhã, o curso técnico à tarde edificações e nutrição e curso noturno: nutrição e edificações. Sendo que o de enfermagem era período manhã. Sempre foi, o período manhã. O curso técnico do ensino médio regular se encerra em 2013, se não me engano mais ou menos 2012- 2013.

KGMF: Ah, ele durou pouco, então, né?

TNS: Ele durou uma turma, né? De 2010, 11, 12 e 13. Em 13 encerrou a primeira turma e ele durou pouco. E aí a gente teve uma votação interna entre nós, entre os docentes, se a gente continuaria com o ensino médio regular ou se a gente ia migrar para o curso técnico integrado. E nesse momento a gente já estava vendo que havia uma grande baixa no curso do ensino técnico a tarde. Então a gente já viu que a tarde já não estava tendo muita aderência. Exceto em Nutrição, que até hoje a gente tem o curso técnico, modular à tarde, mas o curso de Edificações estava dando muita baixa. Outra coisa importante é que a gente não tinha profissional para dar aula. Porque, além dessa grande demanda que eu estava falando para você de 15 por vaga, 20 por vaga. Todos os profissionais da área de construção civil estavam no mercado.

KGMF: Ah, porque o mercado de construção civil estava aquecido também, né? Naquele momento, sim.

TNS: Exato, exato. Então a gente não tinha demanda de profissional para dar aula tarde, não tinha, não tinha demanda de profissional, então não adiantava a gente querer ter um curso. Tinha demanda, mas é quem era da área da construção estava ganhando dinheiro, muito dinheiro e não estava disposto a ir dar aula, né? Exceto alguns como nós assim, que topavam o desafio.

KGMF: Já era um desafio mesmo e é um pouco de dom também, né?

TNS: Isso, e topava um desafio de às vezes teve jornada dupla, né? Eu saí da coordenação em 2012, exatamente por um desses motivos. O mercado estava aquecido e aí eu volto para o mercado de trabalho e não paro de dar aulas à noite. À noite eu continuo com a minha carga horária, mas eu peço licença, me afasto da coordenação porque eu vou voltar para o mercado. O mercado estava muito bom, o mercado estava aquecido, a gente tinha muita obra, muito trabalho, muita demanda, para 2012, 13, 14, 15. O mercado da construção civil estava muito bom. Então eu também volto para o mercado e deixo as aulas. Então é essa minha realidade. Eu vejo que é muito a realidade dos meus colegas. Então não adiantava muito a gente querer manter cursos à tarde.

KGMF: Pela demanda de professores mesmo, né? E pelos alunos um pouco também, né? Pela procura?

TNS: Sim, mas era muito a gente, não. A gente não tinha, não tinha... Você podia procurar professora. A gente queria colocar na época, a gente colocava às vezes professores sem, não tinha o processo seletivo, né? A gente tinha um artigo, um artigo x lá que a gente podia às vezes contratar sem, não é contratar sem contrato. A gente tinha uma exceção, vamos dizer assim.

KGMF: Com fluxo de exceção de professor na emergência.

TNS: Exato. É. Isso exatamente, era uma contratação emergencial. Era isso mesmo. Às vezes a gente já vê isso.

KGMF: Você acha que esse é um pouco o perfil? Acho que tem a ver um pouco com o perfil por causa da construção civil, mesmo, das obras rolarem horário ali, né? Que está luz do Sol, né? Ainda, sol ali, até às, enfim 18 horas. Diferente acho que talvez até dos outros cursos,

né? Tem, muito desse perfil talvez dos professores de edificações, né? Do mais, do noturno, talvez, né? De quem trabalha a jornada dupla aí, né?

TNS: É, eu trabalhava. É, eu trabalhava muito escritório também, né? Saía do escritório às 6 da tarde e aí era o momento que eu tinha. Saía do escritório rapidíssimo, para eu conseguir chegar no Etec e essa sempre foi a minha vida, né? Assim, trabalhar jornada dupla. Nunca deixei a sala de aula, mas sempre foi assim. Nesse corre, corre. E eu acho que assim, para o curso técnico, isso é muito rico porque quando o professor está na vida profissional, ele tem uma bagagem de experiência, que ele traz para sala de aula. Então não é aquela aula teórica ou é: “Olha, eu vou trazer para vocês agora uma experiência que aconteceu comigo essa semana ou esse mês, né?” Ou também trazer para o aluno um panorama de como que está: “Olha como que está o nosso, é a nossa vida profissional hoje” ou às vezes, “Olha, não desista porque tempos atrás já foi, já foi muito bom.” Vocês estão num curso importante. Então é um pouco isso é, não sei se eu estou meio fora.

KGMF: Não, vamos mandar ver que é o que você está falando aqui é parte das perguntas mesmo. Por exemplo, as transformações mais significativas ao longo desses 15, né? Que vai fazer 15 anos, né? É 2010. Está fazendo esse ano 15 anos. É parte aqui também do que a gente estava planejando falar. Essas transformações que você está trazendo, né? O que você está trazendo, assim, principalmente de diferença desse começo de curso para que a gente está agora, do próprio curso de Edificações. O que que você sente assim, que mudou bastante, sabe?

TNS: É, mudou muita coisa, né? Mudou primeiro o perfil do aluno, a procura pelo curso. Então, a procura pelo curso a gente começa num curso de 20 por vaga e de repente a gente se depara assim, com uma situação cada vez mais crítica de diminuição mesmo dessa procura. E aí a gente vai tentando ver, fazer um diagnóstico, será que isso é uma coisa interna, nossa? É sempre um questionamento que eu faço: será que a minha metodologia está de acordo? Será que sou eu? Será que é a escola, é a instituição? E o que a gente tem acompanhado é que esse processo é um processo gradual da economia, dos processos macros, não do processo do microcosmo da Etec Mandaqui. Pelo menos é o que eu consigo diagnosticar. A gente passa... Até 2017 a gente vai vendo que isso vai se esvaindo, assim, vai diminuindo. A história do MTEC foi muito boa para a Etec Mandaqui, sabe? A substituição do curso regular para o curso técnico. Porque a gente conseguiu abarcar alguns profissionais para dentro do curso técnico. Ao mesmo tempo, a gente tem uma carga horária grande, de antes da reforma do ensino médio, de português e matemática. E isso traz para a Etec Mandaqui a décima

melhor escola no ranking do Enem. Então a gente vai lá para cima, sabe? O curso técnico não tem como, como princípio ou como proposta, ser bom no Enem, vamos dizer assim.

KGMF: Sim, exato é formar técnicos, né?

TNS: Mas a gente acaba dentro da nossa realidade despontando para uma coisa importantíssima dentro da vida profissional, desses alunos. Então a gente, infelizmente, essas coisas não são reconhecidas. Não há reconhecimento para nós do tipo pontuação... Olha, os professores... Essas coisas que eu vejo que o Centro Paula Souza devia ou podia fazer por nós, né? Reconhecer.

KGMF: Sim, tem algum vínculo também com os professores ali, né? Esses ganhos assim, né? Dos alunos, de bom ensino.

TNS: Exato. É porque essas coisas acabam mesmo em pontuação, em bônus, essas coisas. Isso não são levadas em conta, como se: “Ah, não, nós somos uma escola técnica, então a vocês foram bem no Enem, Parabéns para vocês!” Não é muito importante. A gente não vê isso como uma importância. Importante se vocês abriram uma empresa, se vocês têm Inova, qualquer outra coisa assim. (risos) E além dessa questão da gente começar. a ir muito bem no Enem, o curso ETIM em si ele consegue segurar bem esses alunos. Então em 2017, a gente tem um movimento importante na escola que é a ocupação a escola, é frente às questões de merenda. E esse foi um marco muito importante que a Etec Mandaqui fechou. Os alunos passaram a ocupar o espaço, dormiram lá na Etec.

KGMF: É? foi. Foi como se fosse alguma, algum protesto sobre?

TNS: É você chegou a acompanhar isso, Kelen? Não? Não teve lá?

KGMF: Não, isso 2017 eu estava na Etec Carlos de Campos, mas não, não teve lá assim, que eu me lembre, pelo menos, não. Como que foi?

TNS: Então, na Etec Mandaqui foi assim... Aí cada professor tem uma visão e isso acabou criando um problema seríssimo entre nós professores dentro do grupo. É, um racha ideológico mesmo, porque alguns professores eram a favor, outros professores eram contra. A gente não podia apoiar. Até fotos em rede social a gente tinha que apagar porque a gente não podia demonstrar esse apoio direto. Eu cheguei a ir até a frente da Etec, eu fui lá, conversei com os

alunos. Eu falei para eles: “Olha, vocês precisam de tinta de faixa? O que que vocês vão fazer?” Alguns professores acreditavam que esses alunos estavam lá, invadindo, destruindo, causando baderna. Causando um desconforto dentro do ambiente escolar. E que aquilo era um ato de vandalismo. Do outro ponto de vista, eles estavam ali ocupando um espaço que é deles. Eles estavam fazendo uma manifestação. Eles estavam em prol de um objetivo que era uma escola de tempo integral, desde 2013, eles estavam em 2017 sem alimentação gratuita. O que é um direito constitucional, uma vez que você tem um período integral de uma escola pública, certo?

KGMF: Sim, sim.

TNS: Aquilo era uma manifestação legítima, mas a os meios da ocupação, que é que eles se tornavam ilegítimos, vamos dizer assim. Que eles não... porque eles estavam ocupando um espaço público porque eles estavam, não estavam permitindo a entrada e acesso dos professores, funcionários. Enfim, e na Etec Mandaqui eles fizeram algumas ações. Eles fizeram aulões de história. Eles ocuparam o espaço, eles fizeram a alimentação deles próprios dentro do espaço, eles pintaram o muro da escola. Então eles propuseram ações entre eles, para que eles fizessem. E aí eu chegava lá na porta e falava assim: “Vocês estão precisando de uma coisa?” “Professora, professor aqui não entra.” Hoje é um ganho inestimável para a escola. Então eu acho que isso é um ganho inestimável para a Escola, sabe? Hoje nós temos ex-alunos que estavam nessas ocupações que são professores da Etec.

KGMF: Olha, abraçaram mesmo, né? A Etec, né?

TNS: É, tem o professor Erick, que era meu aluno. Então assim, eu também tenho hoje ex-aluno, colega de trabalho, professor.

KGMF: Que legal, que legal.

TNS: Então essa história é muito, é muito rica, é muito bonita. Em 2017 mesmo, na época, o Alexandre de Moraes era secretário de segurança pública. Ele é fala para o secretário e para PM entrar dentro da Santa Efigênia: “Joga bomba de gás lacrimogêneo e determina a evasão de todos os alunos que estavam ocupando. E pela ordem, pela manutenção da ordem. Mas, a coisa não acabou na repressão, graças a Deus, não foi só na repressão. Não acabou na repressão, por quê? Porque depois desse evento a gente acaba recebendo alimentação.

KGMF: Sim, que perdura até hoje. Que foi uma conquista, né?

TNS: Exato. Foi uma Conquista. Então houve sim, apesar da repressão, apesar da falta de diálogo, alguns professores incitaram os alunos do ensino modular da noite para que eles fossem sem lá bater boca e bater nos alunos do ensino médio que estavam ocupando. E olha, é não foi, não é não foi um movimento...

KGMF: Pacífico, se é que é possível chamar.

TNS: É, não foi, sabe, foi uma ação muito tensa. Então, houveram muitas críticas entre nós, professores. Entre nós, professores, a gente não entrava em acordo. Ao mesmo tempo também a gente não entrava em acordo com a coordenação e com a direção. Então, assim, cada tem a sua opinião e cada um acha que acha e seja o que Deus quiser, entendeu. Então, foi muito complexo, muito tensa essa época, muito tensa, muito tensa.

KGMF: Ah, mas os alunos foram em frente e seguiram com os objetivos deles ali, né?

TNS: Seguiram, mas também teve essa questão dos outros alunos irem lá e tentar... Foi é parado com polícia até fazer a desocupação. Então não foi uma saída pacífica, infelizmente. Sabe, é todos os meninos que estavam ocupando também eram menores de idade, sabe?

KGMF: Ah, tem isso também.

TNS: Tem isso também. É uma série de questões dentro desse processo. Mas foi isso aí, a gente entra em 2020, que é a pandemia, né? E aí a gente entra.

KGMF: Sim, era. É uma das questões até como que entra essa pandemia? Como que que você como professora também ver todo esse cenário? Como que foi esse período para você?

TNS: É, de 2017 para frente a gente tem um racha muito grande entre os professores, né? Por questões ideológicas.

KGMF: Justamente depois dessa desse evento?

TNS: É, e isso se você considerar, também tem relação com uma polarização política muito forte, né?

KGMF: É o que você falou da economia como um todo, né? O que estava acontecendo no Brasil.

TNS: É, e a gente é um microcosmos dessas coisas todas que acontecem, né? Então a gente também tem uma briga muito interna muito grande internamente. Assim, do tipo de... é chato isso, mas é uma descridibilidade com relação ao trabalho do colega do outro, sabe assim, uma ausência do coleguismo, da parceria. Então, cada um, cada um que faça o seu, cada um que cuide do seu, sabe? E isso acaba perdurando e a gente entra na pandemia. A pandemia eu acho que é o auge desse... É um isolamento total, é um isolamento individual, mas também é um isolamento coletivo, né? Porque você passa também a gerir o seu próprio tempo, o seu próprio trabalho. Você não tem mais acesso nem contar teu trabalho do outro. Se antes era menos porque a gente já estava todo mundo, cada um na sua, agora é cada um.

KGMF: Piora?

TNS: E aí as coisas ficam muito dificultadas, né? Na época de 2012 até 2017 é o professor Tiago que, que fica na coordenação do curso. Ele é o nosso professor que mais ficou na coordenação, ele ficou na coordenação durante muitos anos. Aí entra a professora Eliane Leite, que é a esposa do professor Fernandão, professor Fernando Fernandes, é a professora é Elaine. Ela pega assim essa fase crítica, que gente já está desmotivado, a gente já está separado, a gente já está desgastado e aí a gente entra na pandemia.

KGMF: E os alunos? O número de alunos, a gente nesse período já estava com certa evasão, não era mais a mesma. A mesma forma que era naquele começo, né?

TNS: Então, então a gente vai assim, né? A gente vai numa descida assim, sem retorno, sabe, sem retorno. E aí a gente vê a condição no meio da pandemia. Será que vai abrir curso? Será que não vai abrir curso? Tem condições de ter um curso, não tem condições. A gente começa também ver essa condição de ausência de publicidade, ausência de divulgação. Não há mais a divulgação do curso. Não há mais a divulgação das unidades. Nós temos muitas colegas também que trabalham na administração central e às vezes a gente pergunta: “O que está acontecendo?” “Ah, não tem mais obra, não tem mais unidades abrindo.” Porque era um festival de unidades. Outra unidade, outra unidade, vários colegas.

KGMF: Era o carro chefe de campanhas, inclusive, né?

TNS: É, a gente era a gente, era o palanque do governo. Eu me via assim, sendo, garota propaganda de um governo. Porque tudo era em cima do palanque do olha nós. Nós temos os melhores profissionais. Nós capacitamos todos os profissionais, todos tem um curso técnico, curso técnico em tudo quanto é lugar. E de repente a gente vê que nós não somos mais. Nós não somos mais o palanque do governo. Nós não somos mais... não há mais construção de novas Etecs, pelo contrário, existe um grande sucateamento, a gente vira um grande elefante assim, né? Porque...

KGMF: Um problema, né? Parece...

TNS: Isso porque agora nós somos infinitas unidades sem manutenção, né? Essa é a nossa realidade hoje e aí em 2020, 2021, 2022, a gente tem esse isolamento. Esse isolamento total. Eu vejo uma grande queda, uma grande queda agora, assim, da qualidade. Grande queda da qualidade, enorme queda da qualidade

KGMF: Do ensino, de tudo?

TNS: Do ensino da... Sendo bem honesta, a gente não estava preparado para entrar. A gente não estava preparado, a gente estava preparado para entrar num Teams. A gente não estava preparado para dar uma aula online. A gente não estava preparado para isso. Então quando a gente se vê nessa situação, eu vejo até um futuro assim, muito nebuloso de que agora as nossas aulas estão sendo gravadas e que a partir de amanhã eles vão demitir a gente e vão só falar: "Cada um, cada um. O aluno entra aí vira uma matrícula, assiste essa trilha desse professor e no fim, você vai ganhar um certificado. A gente tem uma sorte grande. Eu acho que deu tudo tão errado, que eles viram que era melhor voltar, sabe?

KGMF: É verdade. (risos)

TNS: Eu acho que eles viram que deu tudo tão errado, que que era um mundo que se via assim pelo horizonte que a gente não ia mais existir assim...

KGMF: E que o curso técnico é tão originário da mão de obra e do trabalho, mão na massa e no fazer... ali online? É um desafio, acho que o fato de não ter dado certo é o retorno ao presencial com força é o que esses alunos querem, né? Que que é diferente do online, né, Taisa?

TNS: É, eu acho que foi isso, sabe? Eu acho que eles viram que se eles fizessem um curso online não ia ter aderência. Porque o que a gente está vendo hoje pós pandemia é que aqueles cursos online que existiam, que estavam abrindo, faculdades, cursos online...

KGMF: Sim, estava uma onda... Ainda é, né?

TNS: Mas se você observar antes era assim. Entrada, 200 alunos, formatura 2, 4. Aí eles começaram a observar e a pandemia deu tempo para isso, que não rola. Quer dizer que você até pode abrir, mas que isso não vai ser a realidade, ou seja, que se se uma das coisas um dos tripés ali nosso, de avaliação do curso, é a evasão ou é a quantidade de formandos. Você não vai conseguir isso online, você não vai conseguir isso online. Então a pandemia nos ajudou nesse ponto, sabe no sentido de que o olho no olho presencial, o real, ele não é substituível, né?

KGMF: E a qualidade da aula também, né? Taisa. É outra qualidade da aula de projeto, de certas aulas mão na massa. No online é muito diferente, né?

TNS: Sim. É, e hoje o aluno tem acesso a tudo, né? Então - “Ah, eu quero fazer um curso de ketchup online” Ele faz, mas quando ele vai pra aula o professor vai falar sobre outras coisas que não é sobre ketchup, não é sobre Revit, não é sobre desenho à mão. Ele vai contar a sua experiência, ele vai trocar ideias. Eu faço amigos, eu faço parceiros de trabalho. Eu às vezes consigo até trabalho com eles. Eu acho que essa troca as pessoas entenderam na pandemia, que ela é muito valiosa. E que ela é insubstituível. Tanto que hoje muitos cursos online, que eu tive a oportunidade de dar aula no curso online no curso superior, graças a Deus eu fui mandada embora. É duro, Kelen, porque eu para eu largar as coisas é difícil. Mas por quê? Porque eu não acreditava naquilo, naquele modelo e ao mesmo tempo eu entendi que até essa conversa online ela precisa ser real. Quer dizer, a gente está conversando aqui, mas a gente está no ao vivo, né? E que aí eles começaram a ver que eles também precisavam estar na prancheta... Que eles aí eles queriam mais aulas presenciais. E aí você vai começando a valorizar um momento da interação real, né?

KGMF: Sim, até para valorizar o que o professor está olhando no real. Que não lá, cada um no seu... na sua casa nem sempre o professor consegue ver o que está sendo feito, o que está sendo desenvolvido no trabalho deles. É muito diferente, né?

TNS: Ah, isso aí nem se fala, né? Prova corrigida pelo IA e você nem sequer tem um olhar atento para o aluno, né? É só a vaidade do professor.

KGMF: Sim, essa troca que você falou, ela acontece muito melhor no presencial. E você acha que assim, que em todo esse percurso, você acha que assim... exatamente... você falou que é um curso, que surgiu foi para zona norte. Na zona norte, esse impacto, você acha que para esses alunos em geral eles eram são da região? Que impacto que você também vê aqui? Aqui para essa característica de curso de Edificações na zona norte?

TNS: É, a gente tem muitos perfis, né? Muitos, muitos perfis diferentes. O curso o curso do ETIM, o curso básico do ETIM. Ele continua sendo um curso muito concorrido hoje, e muitas das vagas que a gente preenche para o curso do ETIM são de alunos de classe média, classe média alta que vêm de escolas particulares. Então a gente tem um público classe média, classe média alta. A gente também tem alunos de escolas públicas, muitas escolas públicas do entorno da escola, que vão nos visitar, que colocam os alunos lá, mas eles são minoria porque a gente tem essa seleção de entrada, isso muda muito. O curso noturno, já é diferente, o curso noturno, ele já tem uma idade mais avançada. Você acompanha, né? Eles são mais adultos e eles já vem de vários lugares. Eles já vêm de áreas mais periféricas, né? Então você já tem gente já de Guarulhos, gente de outros, até de outros municípios ou também de uma área mais periférica da zona norte.

KGMF: Cantareira, né? Serra da Cantareira, enfim.

TNS: Vem de uma área mais periférica da zona norte. É diferente do Cacá (Etec Carlos de Campos), por exemplo, que eu já dei aula lá, que às vezes os alunos vêm de lugares mais distantes ainda, porque ali que ali fica próximo da área do trem, do metrô, né? Então.

KGMF: Mais distante, exato central, né?

TNS: Então, assim a gente tem sim essa, essa visão mais... que também está relacionada com essa classe social, né? Dos alunos do ensino do ensino médio que eles são mais jovens. Uma classe social mais alta, e os e os alunos... E essa e essa vinda dos alunos de classe alta também está referida a esse Enem nosso que é muito bom!

KGMF: Ah, é um índice que atrai também, né? Esses alunos da classe alta.

TNS: Também atrai, inclusive isso favorece para que a gente tenha ali uma... A gente acaba concorrendo com boas escolas particulares do ensino médio. A minha filha, por exemplo, eu quero que ela o ano que vem, esteja lá na Etec, mas eu falei: “Filha, você tem que passar no Vestibulinho, não é assim, não é fácil assim, né?” Então, isso é bom. A gente tem uma... Em, em teoria, não deveria ter, né? Assim, que todo aluno é bom para entrar com a gente, mas isso põe... Essa régua de entrada favorece para que a gente tenha bons resultados.

KGMF: Legal! E a Taisa não professora, como que é? Acho que até para deixar aqui, para memória da escola, como que é a Taisa não Professora? Sua vida pessoal e até se você quiser contar um pouquinho também, como é que você, formada em outra área foi ali: “Não, quero dar aula”, o que te motivou também? Ah, vou em determinado momento, após formada. Como que você, o que te motivou? Como que você chegou na Etec?

TNS: Olha, Kelen, eu me formei em 2004 em Artes, no Instituto de Artes da Unesp, que fica na Rua Dom Luiz Lasanha, no Ipiranga. E um colega meu, que ele já estava começando a dar aula na Etec, na Etec Júlio de Mesquita, ele falou assim: “olha, está abrindo umas vagas aí para professor de arte.” Então professor de artes, né? E eu falei, “Ah, eu vou.” “Olha, mas paga pouco, viu? Paga 4 reais a hora a aula. Aí eu falei: “Ah, é o preço do estagiário, né? Eu vou!” E aí eu na época eu também estava, já eu fazia faculdade de arquitetura, eu fazia o curso de arquitetura no Mackenzie. E eu fiz duas faculdades juntas.

KGMF: Ah, caramba, Artes e Arquitetura?

TNS: Eu em 2003, eu estava na faculdade de artes. Eu falei: “Ah, pai, eu acho que eu vou ter que vender miçanga na praia, não vou ganhar dinheiro. É, eu preciso fazer outro curso, né? Eu vou fazer arquitetura” - Aí, meu pai me ajudou. Aí depois eu consegui uma bolsa. Aí depois eu fui fazer uma faculdade e, em 2004, eu me formo na arquitetura, em 2006, eu presto concurso para a Etec na Getúlio Vargas. Na época, o diretor do Getúlio Vargas era o professor Carlos Pala, que era meu professor de arquitetura no Mackenzie. E eu falei assim: “Professor Carlos, eu vou prestar o concurso lá na Etec.” Aí ele falou “O que?” eu falei: “Olha, é Design de Interiores. A área é de cores, né? Que eu domino, eu sou formada, eu tenho um curso de artes.” “Artes e fazendo arquitetura? Fantástico! Nós precisamos de você. Vai ser ótimo!” - Aí ele falou assim: “Mas você tem certeza?” Eu falei: “Por que, professor?” Ele falou: “O salário é nada, né?” Aí, então, toda vez que eu prestava, as pessoas falam assim:

KGMF: Sim. Sempre pergunta se tem certeza, né?

TNS: “Mas você tem certeza? Você, está ciente do valor que será pago, né?” Eu falei: “Bom, gente, estou aqui para quem não tem nada quando ganhar 4 reais vai ser alguma coisa.” Bom, e assim, eu presto o concurso passo, ainda sou aluna. Então assim, eu sou aluna de manhã no curso de arquitetura e sou professora a noite. Foi assim que eu comecei a minha vida.

KGMF: Olha, então você meio que concomitante a faculdade até de arquitetura já começou a dar aula bem cedo. Que legal.

TNS: Já comecei a dar aula, eu era mais nova na sala de aula do curso de Edificações, mais que os alunos. Eu chegava... eu comecei a dar aula com 24 anos. E eu chegava na sala dos professores e perguntavam, o que que a aluna veio fazer? E aí eu terminei o curso de arquitetura em 2008. Em 2010, eu começo, em 2008 mesmo, eu já começo a trabalhar no escritório e continuo dando aula à noite. Em 2010, que é a fundação da Etec Mandaqui, a minha filha nasce e aí eu resolvo várias questões. Porque eu saio do escritório que eu trabalhava, de arquitetura. Fico dedicada às aulas e fico dedicada à minha filha e fico só na Etec Mandaqui, que é bem próxima da minha casa, e tenho condições de curtir a minha filha, né?

KGMF: Que legal. É bom isso, né? Porque você pode formatar de certa maneira o seu horário ali e ainda cuidar da sua filha, né? Legal.

TNS: Isso, foi essa escolha, né? Então, foi uma escolha de “Olha agora eu vou ganhar menos, mas eu vou ficar aqui pertinho e aí eu tô, sabe?”

KGMF: Sim. Não deixa de trabalhar também, né? Continua no mercado.

TNS: Isso sim, não, não tinha como, não também. E aí em 2014 eu volto para o mercado, volto para trabalhar e eu vou ficar assim até ... Ah, não sei dizer até porque aí eu vou saindo de um trabalho, entrando em outro. Aí eu em 2015, eu saí do mercado corporativo, mas aí em 2016 eu comecei a dar aula na Unip. Aí, agora professora universitária e professora da Etec. Em 2017, eu entro no mestrado, mestrado em Artes. Porque artes na minha vida, Kelen, é a minha, é o meu o meu arrego. É o lugar que eu gosto, é onde eu vivo. Eu gosto muito de arquitetura, eu vivo muito de arquitetura, eu sou uma arquiteta que gosto de trabalhar com arquitetura, mas as Artes é a minha a minha vida criativa ficar dentro das artes. E em 2015 eu entro... Em 2017 eu termino o mestrado. Aí em 2019 eu entro no doutorado em Artes, entro no doutorado...

KGMF: Ah. Em artes, também?

TNS: Em artes, em artes também. O mesmo professor, o mesmo orientador na Unesp, que é a minha, minha casa. Agora a Unesp não é mais no Ipiranga, é na Barra Funda. Então aí em 2023 eu concluo doutorado em Artes, então sou doutora em artes. Muito com a ajuda da Etec, também, muito com a ajuda do Centro Paula Souza. Eu tenho certeza, que eu só fui atrás do mestrado, do doutorado, porque eu consegui os meus afastamentos porque eu consegui meu tempo de pesquisa.

KGMF: O incentivo, né? De certa forma.

TNS: O incentivo é exato, senão provavelmente eu não teria ido em frente, não teria feito, né?

KGMF: Você usa um pouco dessa parte artística também nas aulas de edificações. Tem alguma abordagem que você usa, que diferencia?

TNS: Uso, uso muito, uso muito o meu doutorado. O título dele é: “A sala de aula como obra de arte”, então é compreender que todas as nossas manifestações, ou os nossos movimentos, eles são movimentos artísticos. E quando o aluno tem uma coisa assim: “Nossa, que demais.” Isso é uma revelação, é uma estesia artística, né? Então, é esse modo que eu compreendo da arte, né? Não é só a arte, no sentido do fazer, né? Ou da produção estética? Mas é do sentir, né? É do viver ali, né? Da produção estética. Então eu uso muito sim, as artes para mim é o tempo da reflexão, das coisas que eu faço, né? Então não é que a arte é um produto daquilo que eu tenho que me dedicar a fazer. Tudo que eu faço, está dentro desse processo artístico.

KGMF: Legal, muito bom, Taisa, olha, foi excelente assim. Acho que trouxe tudo, todos os pontos aqui, assim que eu estava pensando em aqui abordar com você. Fluiu muito bem! Assim eu acho que só para a gente finalizar eu vou pedir aqui para você deixar uma mensagem.

TNS: Obrigada.

KGMF: Ou algum conselho, ou alguma coisa assim, uma mensagem sua assim para esse curso dos próximos anos ou até alguma coisa da sua trajetória deixar uma mensagem aqui para memória do Centro Paula Souza.

TNS: Eu acho que o curso o curso... Vou falar uma frase que eu acho que eu falei bastante aqui na nossa entrevista. Que a Etec Mandaqui, ela reflete o microcosmos daquilo que a gente está vivendo enquanto sociedade, E ela tem respondido bem a essas questões. Então eu acho que ela tem uma importância e uma relevância social muito importante. Tanto para nós, professores como para as pessoas que a gente tem formado. Então eu me sinto muito grata de fazer parte desse grupo, né? E eu tenho certeza de que ela tem vida longa, né? Porque a gente a gente passa por muitas crises, né? Mas a gente vai conseguir superá-las? A gente tem sempre feito isso e as outras Etecs mais velhas estão aí para comprovar.

KGMF: Sim, exato, são fases, né? São fases. A gente vê que são fases. Tá joia, Taisa, muito obrigada! Aí em nome do Centro Paula Souza, agradeço muito a sua participação aqui na entrevista. A gente vai compondo esse acervo aqui e você faz parte muito importante aqui dele.

TNS: É isso. Legal.

KGMF: Dessa história da Etec Mandaqui, do curso de edificações, está bom, obrigada, viu?

TNS: Obrigada, Kelen. Espero ter colaborado com você e depois, quando a gente puder, ou se você precisar de alguma coisa. E vou buscar algumas imagens, algumas fotos e depois eu mando para você.

KGMF: As fotos sim, que a gente vai compor aqui também, né? Uma transcrição e a gente compõe junto com a transcrição, essas fotos que você ceder, está bom? É só um minutinho, eu vou paralisar aqui.

Descritores

História oral da Educação

Memórias do trabalho docente

Etec Mandaqui.

Técnico em Edificação

Taisa Nogueira Silva

Kelen Gracielle Magri Ferreira

Classe descentralizada

Pedro Celestino

Técnico em Design de Interiores

Ricardo Celestino

Diretor de Serviços

Etec Heliópolis

Técnico em Enfermagem

Hospital do Mandaqui

Técnico em Nutrição e Dietética

Parceria institucional

Thiago Esteves da Silva

Coordenação de curso

André Mendes

Eduardo Carreiro

Fernando Fernandes

Refeitório

Biblioteca

Vestibulinho

Ensino Médio

Mercado de Trabalho

Construção civil

Demanda do mercado

Mercado aquecido

Contratação emergencial

MTEC

ENEM

Greve estudantil

Merenda escolar

Eliane Leite

Artes

Unesp

Arquitetura

Mackenzie

Etec Júlio de Mesquita

Carlos Pala

Dados Biográficos da Entrevistada



Taisa Nogueira Silva - Doutora em Artes Visuais (IA/ UNESP - 2023) e Mestra em Artes pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2017). Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2008) e graduação em Artes Plásticas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2004). Atualmente é professora do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza e da Escola Waldorf Francisco de Assis. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Design, Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Projeto, atuando principalmente nos seguintes temas: Arquitetura, Design e Artes Visuais. Fonte: Currículo lattes em 23/11/2025

Dados Biográficos da Entrevistadora



Kelen Gracielle Magri Ferreira nasceu em São Paulo-SP, é arquiteta formada pela Universidade Mackenzie, técnica em Edificações pela Escola Técnica Federal de São Paulo

e Design de Interiores pela ETEC Carlos de Campos. Atualmente é Mestre pela Unicamp e professora de projetos do curso de Edificações na ETEC Mandaqui. Também trabalha como arquiteta no Itaú-Unibanco.

Anexos: (Documentos sigilosos e não abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Taisa Nogueira Silva

Termo de Autorização para uso de Imagem de Taisa Nogueira Silva